

---

Chegaram como uma caravana circense, subindo através das campinas pantanosas de erva-das-vassouras até transporem o monte ao sol da manhã, com a camioneta a baloiçar e a saracotear-se nos sulcos e os músicos sentados em cadeiras na traseira a gingar e a afinar os seus instrumentos, o gordo da guitarra com um largo sorriso nos lábios a gesticular aos que seguiam num carro, mais atrás, a curvar-se para dar o tom ao rabequista, que fez rodar uma cravelha e se pôs à escuta com o rosto franzido. Passaram sob macieiras em flor e passaram junto de um espigueiro feito de toros calafetado com lama cor de laranja e cruzaram a vau um braço de rio e avistaram uma velha casa de ripas imbricadas que se erguia na sombra azul, sob a muralha da montanha. Mais atrás via-se um celeiro. Um dos homens na camioneta desferiu uma pancada no tejadilho da cabina com o punho fechado, e a camioneta deteve-se. Carros e camionetas irromperam pelas ervas daninhas no terreiro, gente a pé.

A ver estas criaturas a emergir da manhã, à parte isso silenciosa e bucólica, está um homem junto à porta do celeiro. É franzino, sujo, tem a barba por fazer. Move-se no palhiço seco, por entre a poeira e as ripas de luz do Sol, com uma truculência contida. Sangue saxão e celta. Um filho de Deus muito parecido contigo, quiçá. Vespas atravessam as faixas de luz escadeada das ripas do celeiro numa sucessão de momentos turbilhonantes, douradas e trémulas entre o negro e o negro, quais pirilampos na densa penumbra das alturas. O homem está parado, de pernas arqueadas, verteu no húmus sombrio uma poça ainda mais sombria onde remoinha uma espuma alvacentas

com pedacinhos de palha. Enquanto abotoa as calças de ganga, avança ao longo da parede do celeiro, ele próprio zebrado com tiras de luz, um vago incômodo a perpassar-lhe, bruxuleante, pelo olho mais próximo da parede.

Parado à porta da ala do celeiro assente em pilares, pestaneja. Atrás dele vê-se uma corda, suspensa do palheiro, no piso superior. A mandíbula coberta por uma fina penugem incha e descontrai-se, como se ele estivesse a mastigar, mas ele não está a mastigar. Tem os olhos quase fechados por causa do sol, e, através das pálpebras finas e repletas de veias azuis, veem-se os globos oculares a mover-se, a observar. Um homem de fato azul a gesticular da caixa da camioneta. Uma banca de limonada a erguer-se mais além. Os músicos a encetar uma dança campestre e o terreiro a encher-se de pessoas e o altifalante a soltar os primeiros grasnidos esparsos.

Muito bem, vamos lá a reunir aqui à volta, meus amigos, toda a gente tem de se inscrever pra se habilitar ao seu dólar de prata de brinde. Aqui em cima, vamos lá. É assim mesmo. Comé que vai a minha amiga? Pois muito bem. Sim, senhor. ‘Tá certo. Jessie? Já conseguiu...? Pois muito bem. O Jess e os outros já abriram a casa, qué pra quem quiser ver tudo lá por dentro. Assim é que ‘tá bem. Daqui a um nadinha vamos tocar uma música, e queremos que toda a gente se registre antes de começarmos o sorteio. Sim, senhor? Como diz? Sim, senhor, nem mais. É isso mesmo, meus amigos, vamos licitar os talhões e depois vamos ter oportunidade de licitar a propriedade no seu todo. Abarca os dois lados da estrada, atenção, desce até à outra banda do regato e chega àquelas árvores grandalhonas do outro lado, além adiante. Sim, senhor. Já vamos explicar tudo, ‘teja descansado.

A fazer vénias, a apontar, a sorrir. O microfone numa mão. Por entre os pinheiros, na serra, o som da voz do leiloeiro ecoava, abafada, prolixa. Uma ilusão de vozes múltiplas, um coro fantasmagórico entre vetustas ruínas.

Pois bem, há madeira da boa aqui em cima, atenção. Madeira da melhor. Cortaram a mata há uns quinze ou vinte anos, por isso talvez as árvores ainda não ‘tejam muito crescidas, mas olhem pràqui. Enquanto vocês ‘tiverem de noite deitados na cama acolá em baixo, a dormir, estas árvores vão ‘tar aqui em cima a crescer. Nem mais.

E ‘tou-vos a dizer isto com a maior das sinceridades. Esta propriedade tem imenso futuro. Tanto futuro como outra qualquer de quantas existem por este vale fora. Talvez mais. Amigos, não há limites pràs possibilidades que um lote de terra como este oferece. Eu próprio era bem capaz de o comprar, se tivesse mais dinheiro. E creio que todos vocês sabem que cada cêntimo que eu possuo está investido em imobiliário. E cada cêntimo que ganhei, ganhei-o no imobiliário. Se eu tivesse um milhão de dólares, em noventa dias investia tudo em terrenos, até ao último cêntimo. E todos vocês sabem que assim é. É impossível uma propriedade destas desvalorizar-se. Acredito sinceramente que uma porção de terra como esta vos há de render dez por cento sobre o vosso investimento. E talvez mais. Talvez chegue até a render vinte por cento. O vosso dinheiro depositado no banco não vos rende isso, e todos vocês sabem que assim é. Não há investimento mais seguro do que uma propriedade. Terra. Todos vocês sabem que um dólar já não compra o que dantes comprava. Daqui a um ano, um dólar é bem capaz de só valer cinquenta cêntimos. E todos vocês o sabem. Mas os preços do imobiliário, esses, sobem, sobem, sobem sem parar.

Amigos, há seis anos, quando o meu tio comprou a propriedade do Prater, aqui nestas bandas, toda a gente o tentou convencer a desistir. Ele pagou dezanove mil e quinhentos por aquela quinta. Disse que sabia bem o que ‘tava a fazer. E todos vocês sabem bem o que ali aconteceu. Nem mais. Vendeu-a por trinta e oito mil. Uma porção de terra como esta... Vamos lá a ver, ‘tá claro que precisa dalguns melhoramentos. ‘Tá inculta. ‘Tá, sim, senhor. Mas, meus amigos, podem aqui multiplicar o vosso dinheiro por dois. Um pedaço de terra, e em especial neste vale, é o investimento mais seguro que vocês podem fazer. Mais seguro não há. E eu ‘tou a ser muito sincero ao dizer-vos isto.

Nos pinheiros, as vozes entoavam uma litania perdida. De repente, calaram-se. Um murmúrio percorreu a multidão. O leiloeiro passara o microfone a outro homem. O outro homem disse: Chama o xerife acolá, C B.

O leiloeiro acenou-lhe com a mão e curvou-se para o homem parado na sua frente. Franzino, de barba malfeita, agora a empunhar uma espingarda.

O qué que tu queres, Lester?

Já te disse. Quero que te ponhas a andar da minha propriedade, raispartam. E leva estes palermas contigo.

Cuidado com a língua, Lester. Há senhoras aqui presentes.

‘Tou-me cagando pra quem ‘tá aqui presente.

Esta propriedade não te pertence.

Não me pertence uma merda.

Já foste parar à cadeia uma vez por causa disto. Se calhar queres pra lá ir outra vez. O xerife-mor ‘tá acolá mesmo.

Eu não quero cá saber ondé que ‘tá o xerife-mor. Quero-vos fora da minha propriedade, seus filhos da puta. ‘Tás a ouvir?

O leiloeiro estava acocorado sobre o taipal traseiro da camioneta. Baixou os olhos para os próprios sapatos, arrancou com ar distraído um pedaço de lama seca colado ao rebordo da sola. Quando tornou a erguer os olhos para o homem da espingarda, estava a sorrir. Disse assim: Lester, se não tens mão em ti, ainda te trancam a sete chaves numa cela almofadada.

O homem deu um passo atrás, a empunhar a espingarda com uma mão. Estava quase agachado e estendeu a mão livre com os dedos abertos na direção da mole humana, como que para a repelir. Desce dessa camioneta, sibilou.

O homem na camioneta escarrou e fitou-o de pálpebras franzidas. O qué que tens na ideia fazer, Lester, dar-me um tiro? Não fui eu quem te tirou a casa. Foi o condado. A mim só me contrataram como leiloeiro.

Desce dessa camioneta.

Atrás dele, os músicos assemelhavam-se a composições de porcelana, brindes de uma barraca de tiro numa velha feira rural.

O tipo é maluco, C B.

C B retorquiu: Se me queres dar um tiro, Lester, podes-me dar um tiro aqui mesmo, onde eu ‘tou. Eu cá é que não vou a lado nenhum por tua causa.

---

O Lester Ballard nunca mais conseguiu segurar a cabeça direita desde aquele dia. Deve-lhe de ter desengonçado o pescoço, vá lá a gente saber como. Eu cá não vi o Buster a arriar-lhe, só o vi caído no chão. Eu ‘tava com o xerife. Ele ficou ali estendido no chão, a olhar pra toda a gente de olhos em bico e com um galo horrível de se ver na cabeça. Ali estatelado, a sangrar dos ouvidos. O Buster continuava ali de pé, de machado em punho. Levaram-no no carro do condado e o C B continuou com o leilão como se nada se tivesse passado, mas depois disse que aquilo levou alguns fulanos a não licitar, fulanos que doutra maneira o teriam feito, o que talvez fosse a tenção do Lester, não sei. O John Greer era lá de cima, do condado de Grainger. Não é que isso tenha nada de mal, mas era.